

Na Íntegra: uma proposta de jornalismo para Gente Comum¹

Irene Alves de Oliveira dos SANTOS²

Vanuza Aparecida de A. Fernandes da SILVA³

Gracieli Nancy Coelho OLIVEIRA⁴

Giovana CHIQUIM⁵

Reinaldo Cesar ZANARDI⁶

Universidade Norte do Paraná, Unopar, Londrina, PR

RESUMO

O jornalismo comunitário pode ser concebido como a modalidade de jornalismo feita com e para a comunidade, na qual as pessoas, integrantes de movimentos sociais e entidades, participam de forma ativa da produção de conteúdos para publicações impressas ou eletrônicas. Neste sentido, a comunidade deixa de ser mero agente consumidor para se transformar em agente produtor da informação. Neste contexto, a universidade tem um papel importante porque na perspectiva da relação ensino-aprendizagem proporciona ao estudante de Jornalismo perceber a comunidade não apenas como público alvo, mas como um campo de atuação profissional. Este é o objetivo do jornal “Na Íntegra – Gente Comum” - jornal laboratório impresso do curso de Jornalismo da Unopar.

PALAVRAS-CHAVE: jornal-laboratório, comunicação comunitária, Na Íntegra, Gente Comum.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo comercial prioriza as fontes oficiais de informação e chega, muitas vezes, a menosprezar as fontes comunitárias por motivos diversos que vão da facilidade em contatar as fontes-autoridades a pouca credibilidade que imputa às fontes da comunidade - retratadas geralmente pelo viés da reivindicação. Monteiro e Pereira citam Nilson Lage (2003) que classifica as fontes em três tipos: oficiais, oficiosas e independentes.

Para ele, as oficiais são as mais confiáveis, porque são mantidas pelo estado ou instituições, sindicatos, entre outras entidades. Já as oficiosas são pessoas ligadas a essas instituições e não autorizadas a falar sobre o assunto, também muito utilizadas no OFF (fontes que têm a sua identidade em sigilo). As independentes deveriam ser desvinculadas do poder, como as ONGs, no entanto, Lage recomenda muito cuidado em seu uso, pois geralmente são financiadas por algum órgão governamental (MONTEIRO & PEREIRA, 2010. p.17)

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade, Site jornalístico – revista digital, jornal online etc. (conjunto/ série).

² Aluna líder do grupo e Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unopar, e-mail: aolsan@terra.com.br.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unopar, e-mail: vanuzafotos@yahoo.com.br.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unopar, e-mail: gracieli.coelho@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Unopar, e-mail: giovanachiquim@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor coordenador do Curso de Jornalismo da Unopar, e-mail: reinaldo.zanardi@unopar.br.

Neste contexto, para Nilson Lage, as lideranças comunitárias vinculadas a organizações não governamentais, como associação de moradores, seriam fontes independentes, mas com interesses político-ideológicos que afetariam sua credibilidade junto aos veículos de comunicação. Vale lembrar que os interesses político-ideológicos movem quaisquer fontes de informação, inclusive as oficiais.

Ocorre que a comunidade e seus movimentos populares, muitas vezes, têm suas ações ocultadas pela grande mídia. Segundo Arbex JR (2003), um bom exemplo para ilustrar a questão é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que ocupa espaços na mídia com acontecimentos negativos. As informações positivas do movimento não viram notícia. Em 2000, por exemplo, o movimento tinha, em 23 estados do país, 1.800 escolas de ensino fundamental, com cerca de 160 mil crianças e adolescentes. Além disso, empregava cerca de quatro mil educadores em todo o Brasil. No entanto, as informações foram ignoradas pela “grande” imprensa. Para Guareschi & Biz,

(...) a comunicação, hoje, constrói a realidade. (...) Queremos apenas dizer que realidade, aqui, significa o que existe, o que tem valor, aquilo que nos propicia as respostas, o que legitima e dá densidade significativa ao nosso cotidiano (GUARESCHI & BIZ, 2005, p.41).

Seguindo a linha de pensamento de Guareschi, se a realidade é construída pela comunicação, o que não é abordado por ela então simplesmente não existe. Arbex acrescenta que, se os movimentos populares não viram notícia, eles não existem para o grande público. Por isso, é importante, desde a universidade, desenvolver propostas de jornalismo comunitário fazendo com que os estudantes de jornalismo pensem a realidade de forma crítica, refletindo inclusive sobre a linha editorial dos veículos comerciais de comunicação.

Assim, os veículos comunitários de comunicação cumprem uma função social muito importante já que resgatam, através da informação, a cidadania ao mesmo tempo em que promovem a dignidade humana. “O jornal comunitário deve atender às demandas de uma determinada região. Tratando dos assuntos de interesse específico da comunidade” (RIBEIRO & ORTIZ.)

O jornal laboratório “Na Íntegra – Gente Comum”, objeto do presente estudo, possui um caráter pedagógico e visa contribuir para o fomento das discussões em torno do jornalismo comunitário, além de promover aos alunos a oportunidade de participar de todas

as etapas de produção de um veículo de comunicação impresso: pauta, redação, edição, fotografia e diagramação.

2 OBJETIVOS

Geral:

-Proporcionar ao estudante de Jornalismo da Unopar as etapas de produção em jornalismo comunitário: pauta, entrevista, fotografia, redação, edição e diagramação de publicação impressa.

Específicos:

- Debater o conceito de ideologia, mídia e comunidade.
- Despertar o aluno para a responsabilidade e a importância de uma produção regular, que lhe dê noções concretas da rotina de uma redação de jornalismo.
- Debater o papel do jornalismo comunitário na promoção da cidadania.
- Entender a influência da comunicação e do jornalismo na construção da realidade.
- Valorizar a produção acadêmica, incentivando o estudante a se envolver com questões sócio-comunitárias.

3 JUSTIFICATIVA

Em 2009, o projeto “Gente Comum” foi certificado pela *UN Volunteers*, órgão das Nações Unidas e pelo Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, por suas ações dentro dos “Objetivos do Milênio”. O certificado foi entregue durante o “2º Congresso Nós Podemos Paraná”, realizado em Curitiba, em outubro daquele ano. O fato mostra a relevância da proposta que atua nas comunidades de Londrina sensibilizando-as para a produção de conteúdo informativo voltado para a promoção e resgate da cidadania.

Do ponto de vista da legislação, o estágio em jornalismo é proibido. A Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) regulamentou, recentemente, um plano de estágio com regras rígidas para dificultar que empregadores substituam a mão-de-obra profissional por estudantes da área. Neste sentido, cabe à universidade proporcionar espaços práticos de qualidade para a produção acadêmica, que sirva de instrumento para consolidar a relação ensino-aprendizagem, potencializando o conhecimento dos futuros profissionais.

A universidade tem por obrigação desenvolver ações em três direções distintas: ensino, pesquisa e extensão. Quando ocorre a integração dessas três áreas, o ganho se dá de

forma significativa tanto para alunos e professores quanto para a comunidade. Assim, esta passa a ocupar um papel importante quando recebe atividades universitárias e, desta relação, muitas conquistas podem ser listadas. A relação universidade/comunidade deve ser entendida numa perspectiva de mão dupla, na qual ambas ensinam e aprendem e, como relação, o conhecimento é construído de forma coletiva.

A importância do Jornal “Na Íntegra - Gente Comum” se justifica por vários aspectos: integrar o ensino à extensão; capacitar e sensibilizar o estudante de jornalismo na produção de jornalismo comunitário; incluir, estimular comunidades na produção de conteúdo que represente seus interesses e fortalecer o jornal-laboratório impresso do curso.

Sob o ponto de vista pedagógico parece não haver dúvidas da imprescindibilidade do jornal-laboratório para o aprendizado de Jornalismo, principalmente em países como o Brasil, onde a legislação trabalhista veta o estágio em empresas jornalísticas (...) (LOPES, 1989, p.16)

Portanto, a produção de um jornal-laboratório mostra-se um instrumento eficaz e importante para que estudantes de Jornalismo pratiquem as técnicas aprendidas em sala de aula e possam ter um espaço para refletir eticamente sobre os seus produtos. Se essa produção for direcionada a uma determinada comunidade, o resultado será ainda mais satisfatório porque o retorno que os estudantes terão será mais um componente para fortalecer o seu aprendizado.

É fundamental que um jornal-laboratório seja dirigido a uma determinada comunidade para ter um público definido e ser um veículo com todas as características de um jornal profissional. Uma publicação que leve a comunidade a tomar consciência de seus problemas e a organizar-se para resolvê-los. Dessa forma o estudante de Jornalismo poderá ser realmente habilitado para o mercado de trabalho (LOPES, 1989, p.16).

O jornalismo comunitário foi difundido no Brasil nos anos 1970 e 1980, período em que a globalização teve início. Ela proporcionou uma homogeneidade intercultural num momento em que o país assistia a grandes mudanças no cenário político, como o fim da ditadura. A necessidade de cada indivíduo de exercer seu direito era enaltecida, graças ao regime democrático que tomava o poder. Ao mesmo tempo, o homem se tornava um ser global. Tais transformações refletiam no jornalismo tradicional, cada vez menos

preocupado com os anseios da comunidade, e por consequência, reduzindo as peculiaridades individuais do ser humano.

Neste sentido, o jornalismo comunitário é uma forma de resgatar a identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido. Outra vertente dessa modalidade de jornalismo é promover a valorização da cultura local. Além disso, por meio da prática do jornalismo comunitário é possível proporcionar ao cidadão o direito de exercer uma comunicação ativa e não passiva.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A comunicação comunitária não deve ser “normalizadora”, uma vez que, para que cumpra seu papel, é necessário desenvolver a prática de comunicação de cada indivíduo. O respeito às diferenças, dentro de determinada comunidade, contribui para que o pensamento coletivo seja democratizado.

Destarte, para estabelecer uma comunicação de caráter “bilateral”, é necessário conhecer a comunidade, participar de seus movimentos e perceber suas carências. Em outras palavras, é aconselhável criar um “elo”, uma relação de cumplicidade com as lideranças comunitárias, afim de diagnosticar a realidade - os problemas e as necessidades daquela população.

Após reconhecer as características da comunidade, o próximo passo é a construção da identidade do veículo, uma vez que o jornal comunitário deve ser o espelho da comunidade a que se destina. A integração do interesse dos comunicadores e da comunidade em questão é essencial para despertar no cidadão o “sentimento de pertença” - ou seja, o indivíduo deve se sentir peça indispensável do veículo para que os objetivos do jornal comunitário sejam cumpridos.

O jornal laboratório “Na Íntegra – Gente Comum” está associado à disciplina Produção em Jornalismo Impresso. Cada edição do jornal trata de um bairro de Londrina. O conteúdo editorial será dividido por temas/editorias que tenham como foco iniciativas que visam o resgate e a promoção da cidadania, como: opinião (produção de artigos opinativos por pessoas da comunidade sobre temas municipais, estaduais ou nacionais que afetam a vida da comunidade); personagem (seção dedicada à liderança comunitária ou pessoa de destaque do bairro que realiza trabalhos em prol da comunidade); educação (página destinada a discutir as questões da educação (acesso a creches, escola, formação profissionalizante, mercado de trabalho); saúde (seção destinada à discussão das condições

de vida, relação saúde/doença e promoção da qualidade de vida da comunidade); conquistas do bairro (seção destinada à divulgação de realizações e conquistas da comunidade, ou seja, a melhoria da qualidade de vida a partir da organização e mobilização da comunidade); fé (seção destinada à retratação das práticas religiosas e como essas interferem na vida da comunidade); infância (seção destinada á divulgação dos direitos da infância, com exemplos de iniciativa de proteção às crianças da comunidade); lazer/esporte (seção destinada à recreação, prática esportiva dos moradores da comunidade); cultura (seção destinada aos talentos da comunidade em qualquer linguagem cultural: dança, música, teatro entre outras manifestações artísticas); e cara da comunidade (página destinada a um ensaio fotográfico que retrate as características e peculiaridades do bairro).

Cabe salientar aqui, que o nome das editorias é alterado a cada edição, de acordo com o conteúdo. No entanto, em todas as edições, procura-se seguir uma mesma linha editorial e abordagem das temáticas citadas acima.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A publicação tem formato berliner (pg. solteira 268mm X 395mm), 16 páginas, 4 cores, papel jornal. O número de páginas é ajustado à quantidade de conteúdo produzido em cada edição. O jornal laboratório “Na Íntegra – Gente Comum” segue a mesma metodologia aplicada no desenvolvimento de um produto no mercado de trabalho, exceto a viabilidade econômica e a comercialização de anúncios. Por ser um produto vinculado a pró-reitoria de extensão da Unopar, o jornal laboratório não apresenta espaços publicitários e é pago pela própria universidade. A produção do veículo pelos alunos se restringe ao processo jornalístico.

Em primeiro lugar, são divididas entre os estudantes as funções que eles ocuparão no jornal – pauta, reportagem, fotografia, edição, diagramação, edição de imagens, edição de textos e chefia de redação. Nesta etapa também é definido um cronograma de realização das atividades, da pauta à impressão.

Após a eleição do bairro que será tema daquela edição, os alunos vão a campo para conhecer a comunidade, sua história, seus personagens e as lideranças comunitárias. A pesquisa inicial serve para dar suporte ao desenvolvimento das pautas que pretendem mostrar os anseios, necessidades, problemas e conquistas dos moradores locais, além dos personagens que se destacam na comunidade.

Em seguida, são realizadas todas as etapas do jornalismo convencional: produção de textos e fotos, edição e diagramação. Por último, os próprios alunos, responsáveis pela produção do veículo, retornam à comunidade para distribuir o jornal, fechando todo o ciclo de jornalismo comunitário.

Figura 1: Jornal Laboratório Na Íntegra Gente Comum, edição Vila Nova.



Corroborando com Lopes (1989, p.16), que defende que os jornais-laboratórios devem ter um público específico, conforme discutido anteriormente, o “Na Íntegra – Gente Comum” é direcionado para comunidades de Londrina, discutindo seus problemas,

apresentando suas reivindicações, resgatando sua história, ressaltando lideranças comunitárias, entre outros temas de interesse comunitário. Em 2011, foram confeccionados três edições do jornal-laboratório impresso, sendo na Vila Nova (figura1), região central de Londrina; jardim Santiago, região leste (figura 2); e conjunto Vivi Xavier, região norte (figura3).

Figura 2: Jornal Laboratório Na Íntegra Gente Comum, edição Jardim Santiago.



No total, participaram 42 alunos, responsáveis por toda a produção do jornal, incluindo a distribuição do produto nas comunidades atendidas, valorizando os indivíduos.

Como o projeto é uma associação do ensino com a extensão, além do aprendizado proporcionado aos alunos, eles receberam certificado de participação em extensão, cuja carga horária variou de 20 a 70 horas conforme as atividades desenvolvidas e a participação em mais de uma edição.

Figura 3: Jornal Laboratório Na Íntegra Gente Comum, edição Conjunto Vivi Xavier.



6 CONSIDERAÇÕES

No âmbito acadêmico, a produção do jornal laboratório “Na Íntegra – Gente Comum” oferece várias contribuições pedagógicas e acadêmicas como: promoção da melhoria da qualidade do ensino; capacitação dos alunos em jornalismo comunitário; sensibilização dos alunos para questões sociais; valorização da produção acadêmica; valorização da comunidade; sensibilização da comunicação para produção de conteúdo; e desenvolvimento do senso crítico da comunidade em relação à mídia.

Para a comunidade o projeto também é essencial. A comunicação comunitária respeita o indivíduo como um ser importante dentro do sistema da comunidade e é capaz de elevar a autoestima do cidadão em relação à cultura local.

O jornalismo comunitário também promove o senso crítico dos moradores do bairro e contribui para a mobilização do grupo na luta pelos direitos civis do cidadão estabelecidos na Constituição de 1988 - como saúde, educação, moradia e alimentação.

Quando uma comunidade enfrenta problemas crônicos, a tendência é acreditar que eles são inerentes à própria vida. Contudo, a apresentação dos problemas por um meio de comunicação suscita na comunidade debates e discussões em torno do assunto, já que, a partir daquele momento, o cidadão consegue enxergar nas páginas do jornal a sua própria realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JR, José. O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo, Ed. Casa Amarela, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. Mídia, Educação e Cidadania. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2005. 2ª ed.

LOPES, Dirceu Fernandes. Jornal-laboratório – do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MONTEIRO, Paulo Henrique; PEREIRA, Nereu. Jornalismo e fontes de informação: Um blog para lideranças populares de Londrina. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2010.

RIBEIRO, Fernanda; ORTIZ, Daniel. A função social do jornalismo comunitário. Disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A_fun%C3%A7%C3%A3o_social_do_jornalismo_comunit%C3%A1rio. Acesso em 10/12/2010.